

## **Relevância e Atualidade no Discurso de *O Estado de S. Paulo* sobre a Guerra de Canudos<sup>1</sup>**

Lidiane Santos de Lima PINHEIRO<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo é parte de uma pesquisa que visa explicar a produção de sentidos do discurso jornalístico sobre acontecimentos históricos, no contexto social de hiper-valorização do tempo presente. A partir de leituras teóricas sobre a relevância e a atualidade na imprensa moderna, será avaliado como estas noções são mobilizadas na construção de matérias que têm como gancho um destacado evento do passado. Para isso, a partir da análise do discurso de linha francesa, serão analisados textos do jornal *O Estado de S. Paulo*, publicados na véspera do centenário da Guerra de Canudos.

**Palavras-chave:** Acontecimento. Atualidade. Discurso. Jornalismo. Relevância.

### **Abstract**

This article is part of a research that aims to explain the production of senses of the journalistic discourse about historical events, in the social context of valorization of the present time. From theoretical readings about the relevance and the present time modern press, it will be evaluated how these concepts are mobilized in the construction of news that have as “news peg” one detached event of the past. For this, from the discourse analysis of French line, texts of the periodical *O Estado de S. Paulo* published in the eve of the centenary of the Canudos War will be analyzed.

**Keywords:** Event. Actuality. Discourse. Journalism. Relevance.

### **Introdução**

A fim de fundar um novo momento, o homem moderno tentou romper com as tradições. A partir de então, observou-se uma valorização exacerbada do presente, em detrimento do passado. Importa o novo, o que acontece agora, pois este é o tempo das ações humanas. O passado ficou para trás, o futuro ainda não chegou, só existe, portanto, o presente. É sob tal perspectiva que a notícia é construída. Os jornais modernos tanto foram formados por essa cultura do “agora”, como possibilitaram a sua ampliação e difusão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Colóquio Internacional Discurso e Mídia – Salvador, UFBA, junho de 2009.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA.



A cobertura dos fatos atuais (fatos de um passado recente, narrados como ainda pertencentes ao presente – um presente distendido) passa a ser a prioridade do discurso jornalístico, que constrói modos de distinguir eventos banais de acontecimentos singulares<sup>3</sup> e investe sentido sobre estes, tratando-os como relevantes. Atualidade e relevância, portanto, são noções imprescindíveis para a construção discursiva do acontecimento jornalístico, e, por isso, serão aqui consideradas importantes indicadores de análise do discurso da imprensa.

Contudo, no presente artigo, não analisaremos notícias sobre fatos recentes. Trabalharemos especificamente com textos jornalísticos que mobilizam o fator tempo como critério de noticiabilidade. Portanto, não nos interessa apenas revisar os modos como o discurso jornalístico atribui relevância e atualidade a um evento, mas, principalmente, investigar como o faz em matérias que abordam um passado distante. Como, numa cultura de exacerbação do tempo presente, um evento histórico é reinterpretado pela imprensa? Como são construídas as noções de relevância e atualidade, quando um acontecimento que foi noticiado no passado é pautado pelos jornais cem anos depois?

A fim de responder tais questões, realizaremos a análise de duas matérias do jornal *O Estado de S. Paulo* sobre a Guerra de Canudos (1896-1897), publicadas no centenário do início do conflito, a partir das pistas textuais (marcas linguísticas) que indicam a relevância e a atualidade na construção discursiva do acontecimento. Serão observados: o contexto, o enquadramento da temporalidade na narrativa, a mobilização de valores culturais para responder às expectativas do leitor e a relação estabelecida entre acontecimento histórico e novas informações. Com base na Análise do Discurso de linha francesa, trabalharemos com conceitos como dêiticos (embreantes), enunciação, enunciador e co-enunciador, a partir das definições de autores que estudam o discurso midiático: Dominique Maingueneau (2001), Maurice Mouillaud (2002), Milton José Pinto (2002), Patrick Charaudeau (2006) e Eliseo Veron (2006).

O tema de Canudos foi escolhido pela importância que tem não apenas para a história do país (a maior guerra do interior do Brasil e um dos maiores eventos da imprensa brasileira), como também para sua cultura – o que pode ser comprovado pelo grande número de publicações e produções acadêmicas e artísticas a ele relacionadas ainda na contemporaneidade. Quanto ao jornal selecionado, sua escolha é justificada pelo fato de ter sido um dos periódicos que mais se destacaram na cobertura da campanha de Canudos, em 1897, por ter ganhado relevância na própria história da guerra, ao enviar como correspondente o escritor Euclides da Cunha (autor da mais conhecida obra sobre o tema: *Os sertões*, 1902); e, por fim, por ainda estar em funcionamento na atualidade.

---

<sup>3</sup> Segundo Molotch e Lester (1996), “ocorrência” (ou o que é chamado aqui de “evento banal”) é todo e qualquer evento que se passa no mundo empírico – um nascimento, uma morte, um acidente etc. Mas quando a ocorrência ganha um significado singular para um indivíduo ou grupo social, que atribui a ela um valor especial e uma utilidade (um uso qualquer desta informação), há aí um acontecimento.

## Relevância e atualidade do acontecimento no discurso jornalístico

Para merecer o adjetivo de acontecimento jornalístico, a este tem que ser atribuído ao menos um dos critérios conhecidos como “valores-notícia”. Dentre os listados por Traquina (2005), destacam-se aqui: a relevância (“preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas” – p. 80), a novidade (o recente ou inédito), o tempo (um acontecimento já publicado pode servir como gancho para outros acontecimentos a ele ligados ou ser revisado em datas comemorativas) e a consonância (“a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido, pois corresponde às expectativas do receptor. Implica a inserção da novidade num contexto já conhecido, com a mobilização de ‘estórias’ que os leitores já conhecem” – p. 93).

Esses valores “operam na prática de modo complementar” (WOLF, 2003, p. 202) e envolvem as expectativas do leitor. Tais expectativas podem ser traduzidas por desejos ou por necessidades (interpretados pelo enunciador) e são importantes para que se enquadre um fato como acontecimento jornalístico. A consonância e a relevância são os valores que se relacionam mais diretamente com o público. A relevância “traduz significados que interessam particularmente ao auditório” (PONTE, 2005, p. 199) e a consonância tem relação com os saberes e competências do destinatário.

É também pela interação entre enunciadores e leitores que se estabelece o tempo midiático. Este “é basicamente pautado por um imaginário de criação de um sentido de atualidade, do *aqui* e do *agora* com o auditório” (PONTE, 2005, p. 194).

A atualidade é uma categoria central no jornalismo e é compreendida geralmente pelo ciclo temporal de permanência dos acontecimentos ou dos produtos jornalísticos à disposição do público. Segundo Franciscato (2003), a dimensão da atualidade jornalística possui diferentes sentidos: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. Ao analisá-los, o autor observa que a imprensa moderna hiper-valoriza o presente, difunde e amplia a cultura do “agora”. Assim, influencia a percepção do tempo nas sociedades contemporâneas. Para Antunes (2007, p. 81), a mídia desempenha o papel de produzir uma apologia ao instante, que ele chama de “presentismo”: “Na afirmação radical do presente (atualidade) o jornalismo constrói a sua versão de neutralidade e objetividade reduzindo e encerrando tudo no momento atual. É da atualidade que ele organiza as histórias como sucessão. O passado e o futuro tendem a perder força, a amenizar-se”. Nesse contexto, como agendar um acontecimento centenário?

## Canudos no jornal *O Estado de S. Paulo* – Análise

Exemplo de impresso que acompanhou a história da Guerra de Canudos<sup>4</sup> desde seu início, *O Estado de S. Paulo* publicou dezenas de matérias sobre o tema nos anos “comemorativos”: 1996 e 1997 (centenário da guerra), 2002 (centenário da publicação

---

<sup>44</sup> A campanha de Canudos foi uma das conseqüências da confusa instauração da República Brasileira. Contra o lugarejo monarquista, segunda maior cidade da Bahia na época, e seu líder Antonio Conselheiro, foram enviadas quatro expedições militares. No início de outubro de 1897, terminou a resistência sertaneja – vencida também pela fome, pelo cansaço e pela morte de Conselheiro.



de *Os sertões*) e 2009 (centenário da morte de Euclides da Cunha). Uma pesquisa quantitativa no arquivo desse jornal nos revelou que, entre 1995 e 2003, foi publicada pelo menos uma notícia relacionada ao assunto por ano.

A história de Canudos marcou a história d'*O Estado de S. Paulo*. Por isso, além da cobertura comum dada pela mídia nacional durante as comemorações do centenário da guerra, *O Estado* publicou textos inteiros de Euclides da Cunha no caderno principal e no *Jornal da tarde*. A maioria das matérias sobre o tema, entretanto, foi publicada no Caderno 2; por essa razão, os textos aqui selecionados para a análise são desta editoria. O Caderno 2 tem mais liberdade para usar uma linguagem próxima à literária e tem matérias mais analíticas do que factuais. O lead e o texto podem ser mais trabalhados, porque os jornalistas aí não lidam com o furo, ou seja, “há tempo para trabalhar melhor as pautas e toda a força tem que estar justamente na reportagem bem feita e em um texto bem escrito”, explica Dib Carneiro, editor do Caderno 2 do *Estadão* ([http://www.masteremjornalismo.org.br/noticia\\_view.php?id=1161](http://www.masteremjornalismo.org.br/noticia_view.php?id=1161), data de acesso: 22/01/2009).

Todas as matérias de 1996 e 1997 foram lidas, mas aqui apenas será realizada a análise de duas: “Arqueólogos procuram Conselheiro”, escrita por Jotabê Medeiros e publicada na página 2, em 04/08/1996, e “Massacre de Canudos faz cem anos hoje”, também escrita por Jotabê Medeiros, publicada na página 4, em 21/11/1996. Uma vez que o presente artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre o tema, que visa analisar o discurso do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 1996 a 2009 (centenário da morte de Euclides da Cunha), e por este estudo apresentar-se ainda em estágio inicial, os dois textos aqui selecionados, preferencialmente, deveriam pertencer ao primeiro ano do corpus – centenário do começo da guerra. Entre os textos de 1996 sobre o tema, esses dois foram escolhidos por serem assinados pelo mesmo autor e tocarem nas mesmas temáticas (o centenário da guerra e a seca do açude de Cocorobó), ainda que um enfatize as novas informações relacionadas à história e o outro tenha por gancho a própria data comemorativa. Diferença igualmente significativa para uma análise que se quer também comparada. Por fim e não menos importante, as duas matérias foram escolhidas por mobilizarem o tempo, a novidade, a relevância e a consonância para a construção do discurso jornalístico sobre o acontecimento centenário. Os dois textos, enfim, revelam-se excelentes amostras de matérias sobre um evento do passado, que respondem aos critérios de noticiabilidade e às expectativas do leitor, ao mesmo tempo em que valorizam o próprio processo produtivo do jornal (auto-referencialidade) – por sua participação na cobertura da guerra.

### **“Arqueólogos procuram Conselheiro” – 04/08/1996**

A primeira matéria selecionada é parte de um conjunto de textos publicados sob o título-assunto<sup>5</sup> (chapéu) “Campanha de Canudos”, três meses antes do centenário do início da guerra. O título “Arqueólogos procuram Conselheiro” apaga enunciador e destinatário, produzindo um efeito de que os fatos falam por si. Podemos distinguir dois

---

<sup>5</sup> Os títulos-assuntos caracterizam paradigmas ou temas de importância para o jornal. É apenas um índice, uma classificação que auxilia o leitor na identificação do assunto; mas não acrescenta informações sobre o acontecimento e é intemporal (MOUILLAUD, 2002).



principais lugares de fala no discurso desse texto sobre a seca do Açude de Cocorobó (onde se encontram as ruínas da primeira Canudos<sup>6</sup>): o dos habitantes da atual Canudos, que temem pelos resultados da seca, e o dos especialistas, que não chegam a revelar o contrário, mas indicam as positivas descobertas a serem realizadas caso o nível de água continue a baixar. O lugar assumido em todo o discurso (desde o título) é justamente o dos especialistas.

O verbo do título, por encontrar-se no presente do indicativo, produz o sentido de que a procura por Conselheiro já havia sido iniciada – o que não havia acontecido, conforme informação só revelada no corpo do texto. O título chama a atenção do leitor porque a procura (possibilidade de encontro e de desvendamento) contrapõe-se ao mistério que envolve aquele personagem histórico, sempre descrito com muito misticismo e enigmas – existem versões distintas sobre a vida de Conselheiro antes de Canudos, sobre sua morte, e mesmo seu semblante não foi plenamente conhecido, pois só existe uma foto dele, tirada após desenterrarem seu corpo já inchado e em início de decomposição.

O subtítulo ratifica as impressões causadas no título, mas fornece mais dados sobre a procura, adiantando informações do texto: “Corpo decapitado, que pode estar em bom estado de conservação, segundo especialistas, devido ao tipo de solo da região, está enterrado sob o Açude de Cocorobó, que está secando e pode chegar ao chão”. A relevância do acontecimento (em potencial: “pode estar”, “pode chegar”) se constrói não apenas pela história singular de Conselheiro, mas pela indicação da possibilidade de encontrar seu corpo ainda em “bom estado de conservação”. O aparente absurdo de tal proposição (de que o corpo de Conselheiro estaria conservado mesmo quase noventa e nove anos depois da sua morte) é amenizado aqui pela sugestão de embasamento científico: menção a profissionais legitimados socialmente (“segundo especialistas”) e a conhecimentos aparentemente científicos (“devido ao tipo de solo da região”).

Corpo do texto – O primeiro parágrafo é iniciado não pelo lead clássico, mas por uma espécie de explicação ou justificativa do interesse jornalístico pelo assunto da matéria: “A seca no Açude (...) não interessa a nenhum habitante de Canudos (...) mas as ruínas da segunda Canudos, que aparecem debaixo das águas do açude, têm sido *objeto de grande curiosidade de estudiosos, imprensa e romeiros*” (grifo nosso). O enunciador explicita que a seca parece anunciar novas descobertas sobre a história de Canudos, atualizando-a e tornando-a novamente relevante para o jornalismo moderno.

A busca pela atualização do passado pode ser observada também na exposição de incertezas e dúvidas sobre o que ainda existe na região onde ocorreu a guerra: “*Na verdade, os arcos da igreja que aparecem (...) debaixo d’água não são da igreja nova, construída por Conselheiro. É provável (mas não certo) que pelo menos a base dela seja a da igreja que Conselheiro erguia quando Canudos foi destruída*”<sup>7</sup> (grifo nosso). As

<sup>6</sup> Existiram três Canudos: a primeira foi destruída pela guerra, a segunda foi reconstruída nas proximidades, mas foi destruída pelo açude de Cocorobó – construído pelo presidente Getúlio Vargas – e a terceira, um pouco mais distante, é a que permanece ainda hoje.

<sup>7</sup> Posteriormente foi revelado que essa informação não está certa. A igreja que Conselheiro erguia fica na frente, a certa distância, da igreja da segunda Canudos. Nunca outra igreja foi construída no local. Quando a seca atingiu seu ponto máximo em 1999, as ruínas das três igrejas (uma da 2ª Canudos e duas da Canudos conselheirista) ficaram perfeitamente visíveis. Outra curiosidade é que neste período foram enviados arqueólogos à procura do corpo de Conselheiro, mas este nunca foi encontrado.



tensões entre verdades e mentiras sobre Canudos se seguem no depoimento do presidente da *Associação Canudense de Estudos e Pesquisa Antônio Conselheiro*, Haroldo Costa: “Da Canudos antiga, sobrou apenas a cruz de Conselheiro e as paredes da igreja (...) Quem disser outra coisa é mentiroso”. A opinião do presidente da associação e a fala do prefeito da cidade (sobre a tragédia que será se não chover até outubro) são as únicas que aparecem em discurso direto, “que é usado na imprensa sempre que o jornal não quer se comprometer com os conteúdos de uma fala” (PINTO, 2002, p. 96). O contraste apresentado pelo enunciador à opinião de Haroldo Costa está claro no parágrafo seguinte, iniciado por uma conjunção adversativa: “*No entanto*, pelos mapas da Canudos antiga feitos por militares, jornalistas e historiadores, é quase certo que o cemitério que ressurgiu em Canudos seja o mesmo construído por Conselheiro” (grifo nosso). Esta não é simplesmente uma frase que revela uma opinião diferente sobre o que ainda resta da antiga Canudos. Aqui, o enunciador, para sobrepor a sua versão, cita documentos produzidos por profissionais que legitimam sua “quase certeza” – logo, uma informação mais precisa e, portanto, aceita pelos interlocutores que valorizam a cultura da cientificidade e da existência de provas documentais para qualquer dado que se quer verdadeiro. É importante ainda observar o reiterado uso de substantivos coletivos (militares, jornalistas, historiadores, arqueólogos, especialistas etc.), para produzir o sentido de legitimação do discurso, ainda que não haja especificações de nomes.

O tema parece ser tão relevante para *O Estado de S. Paulo* (que participou da guerra, enviando para o sertão baiano Euclides da Cunha, como correspondente), que apenas possibilidades remotas e expectativas futuras são suficientes para justificar a publicação desta matéria. Afinal, o único fato relatado é a seca do açude. No mais, são expostas apenas especulações: “*Outra expectativa* de especialistas em Canudos é que o corpo de Antônio Conselheiro ainda esteja sob o açude”; “*é possível* prever uma escavação antropológica no local”; “antropólogos *acreditam* que o corpo de Conselheiro *pode ter* se mantido em boas condições de preservação, mesmo sob o açude. E se preparam para, *no caso de* a seca se prolongar – já dura quatro anos – e chegar ao chão, iniciar uma escavação para resgatá-lo” (grifos nossos). Esta última frase revela que a procura pelo corpo do Conselheiro não é tão certa quanto parece no título e subtítulo, afinal o “resgate” só se dará “no caso de” (expressão que exprime condição e, logo, incerteza) a seca se prolongar e chegar ao chão. Numa terra árida e quente como a de Canudos, isso parece possível; mas o enunciador oculta que esta é uma região muito instável, que sofre secas terríveis seguidas por enxurradas (como relata *Os sertões*, livro publicado noventa e quatro anos antes desta matéria).

As incertezas reveladas são seguidas por outras quase-certezas, como a do local onde haverá de se encontrar o corpo do Conselheiro, conforme os fragmentos: “local que pode ser precisamente assinalado em mapas” (ou seja, fácil de encontrar); ele foi “enterrado em cova rasa”: uma vez encontrada a cova, não haveria dificuldades para achar o corpo; até porque, “o corpo foi devolvido à cova e nunca mais se falou dele”. Outras quase-certezas enunciadas: a promessa do presidente FHC de asfaltar a estrada até Juazeiro e a provável inauguração do Memorial de Canudos em outubro.



Com exceção do parágrafo que resgata a história curiosa sobre a cabeça do Conselheiro<sup>8</sup>, cujos verbos estão no pretérito perfeito, o texto é predominantemente escrito no presente do indicativo, com sentido de futuro (revelando possibilidades e expectativas). Mas a atualidade do texto não está só no “presente do futuro” (RICOEUR, 1994). Ela é acentuada no parágrafo que revela implicações entre passado e presente após cem anos: “A região é hoje tão ou mais inacessível do que era quando, por força do carisma de Conselheiro, chegou a ter 25 mil habitantes e se tornou a segunda maior cidade da Bahia durante um ano”. “Hoje” é um dêitico temporal, ou seja, uma palavra que revela a situação (o momento) da enunciação e uma marca do presente. Este advérbio no discurso designa o momento em que se fala: o próprio dia da enunciação – o que o aproxima do leitor.

A relevância da história de Canudos para o discurso jornalístico na atualidade, portanto, é construída a partir do que há ainda a ser revelado e da similaridade entre passado e presente. Também não é à toa que o enunciador revela que a cidade chegou a ser a segunda maior da Bahia, com 25 mil moradores. Esta última informação, inclusive, nunca foi comprovada e muitos especialistas discordam dela. De qualquer forma, destacar o tamanho da cidade (25 mil pessoas em pleno sertão, no século XIX) é mais uma forma de dar relevância ao acontecimento histórico e, logo, a qualquer notícia a ele relacionada.

### ***“Massacre de Canudos faz cem anos hoje” – 21/11/1996***

Este título indica o tempo como valor-notícia, ao deixar claro que se trata de uma matéria comemorativa do centenário da Guerra de Canudos. Como no texto anteriormente analisado, este título também é informativo, ou seja, uma frase completa (sujeito e predicado) que indica uma ocorrência única, um enunciado autônomo (MOUILLAUD, 2002). Ele não anuncia um acontecimento novo para o qual Canudos é um gancho; o próprio acontecimento histórico é o sujeito da frase. Porém, a ênfase aqui não é dada ao processo em curso (os cem anos do massacre) e sim a um momento preciso, válido somente para aquele número do jornal (hoje). O “hoje”, como já explicado, indica também a situação temporal da enunciação.

O subtítulo, “Maior conflito civil brasileiro começou na cidade de Uauá, no sertão baiano, em 21 de novembro de 1896, e terminou um ano depois, com mais de 10 mil mortos e uma cidade completamente destruída”, além de registrar o tempo cronológico do início do acontecimento, dá relevância a este, chamando a atenção do leitor para a sua singularidade: “maior conflito”, “mais de 10 mil mortos e uma cidade completamente destruída”. O adjetivo comparativo de superioridade “maior” e as expressões “mais de 10 mil” e “completamente destruída” elevam a carga dramática do evento. O subtítulo adianta informações que serão apresentadas no primeiro parágrafo do texto.

---

<sup>8</sup> Após a guerra, o corpo foi retirado da cova, a cabeça foi cortada como “troféu de guerra” e levada para a Faculdade de Medicina de Salvador, para que fossem procuradas conformações de ‘insanidade inata’(que, claro, não foram encontradas). Em 1903, houve um incêndio na faculdade e o crânio foi destruído. Essas informações são trazidas no texto como mais um dos elementos inusitados da história singular de Canudos.



Corpo do texto – O parágrafo inicia produzindo um sentido de precisão temporal: “Há exatos cem anos (...)” e mantém a narrativa do início da guerra com verbos no pretérito perfeito, que é o tempo narrativo por excelência (PINTO, 2002). No terceiro parágrafo, interrompe a narrativa para informar ao leitor sobre as condições atuais da região (o que acresce ao enunciado o sentido de “presentismo”) e sobre as comemorações que não acontecerão: “A cidade de Uauá, que ainda existe, não guarda lembranças do acontecimento e antecipou um ritual simbólico para marcar a data”; “Na atual Canudos (...) não haverá nenhuma comemoração. Tudo está reservado (...) para dezembro de 1997, data do fim do conflito”. É destacável a surpresa que o narrador parece mostrar ao explicar que Uauá ainda existe (como se fosse parte de uma história tão remota que qualquer vestígio dela lhe é admirável); e ele não esclarece o que é “não guardar lembranças do acontecimento”, já que houve um ritual simbólico para marcar a data.

As impressões do enunciador são também aparentes ao adjetivar como irônico um fenômeno natural festejado pela população local – a chuva: “Há outro *dado irônico* sobre Canudos: há três dias chove torrencialmente na região, após a seca de mais de dois anos (...) As ruínas que vieram à tona chegaram a virar atração turística, *mas* a natureza tem seus *caprichos* e tudo pode voltar para o fundo do lago de novo” (grifos nossos). Aqui, a conjunção adversativa revela o contraste entre algo que parece positivo aos olhos do enunciador e algo descrito como “capricho” da natureza – ora, se capricho, desnecessário. Ao compararmos esta matéria com a anterior, escrita no mesmo ano e pelo mesmo jornalista, observamos que, nesta, ele ameniza a informação sobre o período da seca na região: de “4 anos”, passa a falar em “mais de 2 anos”, diminuindo a importância da seca neste relato.

Há um apagamento do co-enunciador, mas a instância narrativa ainda aparece no uso do presente do indicativo (“ainda *existe*” – expressão que fornece um sentido de presença) ou do futuro (“não *haverá*” – fala-se de um momento posterior ao da enunciação), e em referências dêiticas, como em “*há três dias* chove”, indicando o momento preciso da enunciação.

É possível observar o entrelaçamento entre passado e presente: na apresentação de um personagem da Canudos conselheirista que ainda vive; na transcrição do depoimento do fotógrafo Viggiani (“Pela sensação de abandono e esquecimento no sertão, é como se as condições que propiciaram a luta armada permanecessem lá”) e no último parágrafo do texto: “Passados cem anos, Canudos ainda desperta controvérsia. (...) As motivações, o número exato de vítimas, a gênese do Conselheiro: todas as dúvidas ardem mais forte um século depois”. Ora, se existem dúvidas e revelações ainda a serem feitas sobre “o maior conflito civil brasileiro”, o tema ainda é relevante para o jornalismo; e se o passado dessa história se cruza tão fortemente com o presente, é em tal atualização que se finca o discurso jornalístico. Não é à toa, portanto, que a conclusão do texto toca as novidades e singularidades que podem ainda existir em tal história centenária. É como se explicasse ao leitor que este é o motivo de o jornal ter cedido espaço àquele enunciado, mesmo que não tenha havido comemorações ou qualquer evento diferente para marcar a data.





## Considerações finais

Como, a cada segundo, o presente torna-se passado e a atualidade é o tempo que interessa ao jornalismo moderno, a produção de sentidos sobre o acontecimento dilata o presente no enunciado. O tempo do acontecimento, o tempo da enunciação e o tempo da produção de sentidos pelo leitor são distintos. No discurso, entretanto, eles se entrelaçam. O jornal, ao “simular a coincidência entre o momento do acontecimento e da sua apreensão” (ANTUNES, 2007, p. 82), produz como efeito de sentido a idéia de atualidade e presença. Contudo, quando se trata de um acontecimento do passado, o efeito de atualidade não se dá pela simulação de simultaneidade entre o tempo do evento e o da recepção, e sim pelas implicações daquele no presente deste. Logo, para manter a relevância do acontecimento histórico, a narrativa jornalística o constrói dando-lhe uma atualidade dilatada no tempo do discurso.

Contudo, a construção discursiva de uma matéria cujo valor-notícia é o tempo não é totalmente diferente da construção de uma notícia sobre um acontecimento recente. A relevância do tema é apresentada desde o título (que em sua maioria são títulos-informativos e que resumem as principais informações do texto) e é construída principalmente ao destacar signos culturalmente ou historicamente valorizados e produzir um efeito de atualidade no enunciado, para satisfazer as expectativas do leitor. Além disso, como explica Mouillaud (2002), os textos jornalísticos geralmente têm títulos no presente, mas a narrativa é elaborada principalmente no pretérito perfeito. Dificilmente é focalizado o futuro, a não ser em pequenos trechos indicativos de programações, expectativas e possibilidades para um porvir não muito distante.

Mesmo tendo as particularidade de textos publicados no Caderno 2 e que mobilizam o fator tempo, as marcas do discurso jornalístico estão em todas as matérias analisadas: apagamento da primeira e da segunda pessoa (enunciador e destinatário), identificação dos personagens que falam no texto, efeito de objetividade no uso do discurso direto e na citação de fontes com diferentes posicionamentos ideológicos, textos concisos e com opiniões (parcialmente) veladas.

Há uma relação intrínseca entre relevância e atualidade no discurso jornalístico. Nos textos analisados, essas duas noções se constroem de forma bastante entrelaçada. A relevância aqui pode ser inicialmente relacionada à construção de aspectos singulares sobre o acontecimento do passado: relembra-se o que houve nele de diferente, como, porque e o quanto ganhou destaque na história nacional, na literatura e nos jornais; e sugere-se a importância de o leitor possuir tais informações para uma melhor compreensão do cenário nacional na contemporaneidade. A relevância no discurso analisado é ainda construída quando: se enfatiza o valor da memória da “maior guerra civil do interior brasileiro” (de algum “maior” ou “mais” qualquer coisa); as curiosidades, dúvidas e controvérsias são destacadas; e mobilizam-se valores culturais, como nas menções a atividades profissionais que ainda hoje trabalham com o tema (arqueólogos, especialistas, escritores, engenheiros etc.).

As implicações do passado para o presente são, em todas as matérias, lembradas e qualquer nova descoberta relacionada ao tema é noticiada. Desta forma, e também nas próprias marcas da construção do discurso (enunciação), se produz o sentido de atualidade nesses enunciados. A história do passado longínquo é narrada, mas sempre



interrompida para se falar sobre o presente (e às vezes sobre futuras potenciais descobertas ou sobre descobertas feitas há pouco tempo – ambos, tempos dilatados e percebidos como atualidade). A predominância do passado é principalmente visível nos textos comemorativos, ou seja, nas matérias sobre o centenário. Estas enfatizam o tempo cronológico e apresentam menos informações novas ou descobertas recentes; ainda assim, não desprezam a articulação com o presente.

Para que um acontecimento ganhe notoriedade nos arquivos sociais dos meios de comunicação e não seja esquecido, conforme Mouillaud (2002), ele não tem apenas que permitir ver, mas também não ver. Ou seja, quanto menos um acontecimento é suscetível de ser conhecido, mais ele possui valor informativo. Qualquer que seja a sua natureza, estará sempre incompleto; e quanto mais recuado de esclarecimentos ele parecer, mais produzirá um “excesso de falas destinadas a dissimular sua ausência” (MOUILLAUD, 2002, p. 82). A Guerra de Canudos fez-se incompreendida mesmo em meio a muitas descrições jornalísticas da época. Após cem anos de produções discursivas de campos distintos sobre o acontecimento, enigmas continuam despertando o interesse da mídia, que permanece fazendo inventários sobre o que ocorreu e de como o ocorrido repercute na atualidade. Os vazios das narrativas de outrora conduzem a um excesso de discursos ainda hoje e os sentidos tentam refazer o que não pôde ser dito. Assim, o tema continua sendo relacionado ao presente e, por isso, o acontecimento mantém-se como relevante e atual no discurso jornalístico.

## Referências

ANTUNES, Elton. *Videntes Imprevidentes: temporalidade e modos de construção do sentido de atualidade em jornais impressos diários*. Salvador: Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A atualidade no jornalismo*. Bases para sua delimitação teórica. Salvador: Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 2. ed. São Paulo: Cortez: 2001.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. *Informer: une conduite délibérée*. *Reseaux: communication technologie société (CNET)*, n. 75, p. 25-41, janvier - février 1996.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: UNB, 2002. (Coleção Comunicação, 2)

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. 2. ed. São Paulo: Hacker, 2002.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias – Linha de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. V. II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. Tradução Vanise Dresch. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção leitura e crítica).